

No movimento de atenção às infâncias

Inegavelmente Pernambuco está nos primórdios do teatro feito para crianças no Brasil. Se em 1939 já tínhamos Valdemar de Oliveira apostando nas matinais infantis dominicais do Teatro de Santa Isabel, com dramaturgia específica, cobrança de ingressos e ótimo retorno de público para conferir verdadeiras superproduções a reunir elenco majoritariamente infantil, no correr das outras décadas as realizações destinadas a tal público foram crescendo até conquistar profissionais específicos desta linguagem. Em 2003, pelo então estreante Grupo Teatro Marco Zero, assisti a uma peça voltada à infância que estava em cartaz no Teatro Joaquim Cardozo, *Um Livro de Fábulas*, que encantou “o menino que existe em mim” de primeira.

A direção se mostrava coletiva (Almir Martins, Ana Carolina Miranda, Ana Maria Ramos, Ana Medeiros, Naná Sodré e Ana Elizabeth Japiá), mas era esta última quem assinava o texto, o cenário e os adereços, num misto de desenho animado pontilhado em papel branco e preto, com atores de carne e osso, e a reutilização de jornais nos materiais de cena, além do diálogo com o teatro de formas animadas, especialmente sombras. Tudo singelo e bastante criativo. Minha admiração pelo trabalho foi imediata e lembro que, entusiasmadíssimo (fico sempre ao assistir um bom espetáculo!), fui conversar com a equipe para que mais público viesse prestigiá-los. Ana Elizabeth me confessou que não tinham verba para contratar um assessor de comunicação e eu, jornalista já experiente na área, me propus a ajudá-los com a divulgação sem cobrar nada.

Consegui matérias na imprensa e o ótimo boca a boca de quem via a peça impulsionou cada vez mais elogios. A temporada foi um sucesso e a partir dali *Um Livro de Fábulas* trilhou linda carreira, circulando por várias cidades pernambucanas, chegando a estados como o Paraná e Paraíba e, exibida no Teatro de Santa Isabel, conquistou quatro prêmios no X Janeiro de Grandes Espetáculos, em 2004, incluindo melhor espetáculo de teatro para crianças. Guardo com muito carinho essa minha pequena colaboração e nunca mais desapareceu a amizade e o enorme respeito que tenho por todos do Grupo Teatro Marco Zero. Agora, com o trabalho acadêmico de Ana Elizabeth Japiá em mãos, minha memória retorna não só àquele nosso convívio inicial, mas reafirma a dedicação que sempre percebi nela no diálogo frutífero com o fazer teatral para a meninada.

Problematizando a participação das crianças nos processos de criação de dramaturgias do teatro a elas destinado, Ana Elizabeth avança ainda mais quando nos faz ficar atentos no direito de expressão das “vozes infantis”, para além do que adultos possam criar, quase sempre na “melhor das intenções”. Mas entendendo que cada menino ou menina tem suas próprias linguagens, narrativas, estéticas e poéticas, por que não fazer esse alerta a quem pretende continuar se comunicando com tal público através do teatro, inclusive na interface com outras linguagens artísticas e na diversidade tão ampla dos seus processos de criação? Este trabalho que você acabou de ler é um sintoma de que as possibilidades dialógicas com a plateia a quem se destinam os espetáculos infantis – quase sempre elaborados, inegavelmente, nas perspectivas do mundo adulto – ainda podem ser muito mais ampliadas, independente se as propostas serão *para, com* ou apenas *sobre crianças*.

E para além das instigantes reflexões teóricas em que ela se baseia (compreendendo os estudos culturais e as culturas infantis), quando a autora se propõe a investigar a prática de quatorze dramaturgos/dramaturgas contemporâneos de Pernambuco, temos um registro de valor histórico inegável que amplia as informações sobre fazedores teatrais na teimosia de falarem aos sujeitos e às sujeitas crianças, na tentativa também de construírem suas criações num permanente diálogo cada vez mais necessário. Este trabalho de Ana Elizabeth Japiá nos instiga nessa direção, de tentar dar participação cada vez maior às vozes das crianças num espaço do fazer-dizer de suas existências, de corpos e mentes que experienciam a vida com lógica e percepção bem próprias.

É a representação da pluralidade das infâncias – porque são muitas e diversas, a depender dos contextos em que vivem – que se busca nessa prática dialógica, como expressão de suas percepções acima de tudo. O convite foi feito. Basta prestarmos atenção às conexões, interações, partilhas e presenças. E que tão importante documento sirva como estímulo e impulso mesmo, inclusive para que Ana Elizabeth Japiá e o seu Grupo Teatro Marco Zero consigam nos brindar com novas invenções e reinações na área.

Leidson Ferraz

*Jornalista, ator, historiador, crítico e pesquisador do teatro,
atualmente Doutorando em Artes Cênicas na Unirio*